

DA APATIA À SIMPATIA: UMA REFLEXÃO DA PARTICIPAÇÃO DE DEUS NO SOFRIMENTO HUMANO A PARTIR DE JÜRGEN MOLTSMANN.

Grazielle Silva de Carvalho ¹

Marlon Ronald Fluck ²

RESUMO

Diante do sofrimento inevitável existente no mundo há algumas perguntas que carecem ser respondidas, das quais: Deus trata os problemas do mundo com indiferença? Ele se importa com o sofrimento humano? Para tanto, este artigo tem por objetivo abordar, a partir de uma pesquisa bibliográfica, os sentimentos de Deus em relação ao sofrimento do ser humano, bem como ao sofrimento do Seu Filho a partir da Teologia da Cruz de Moltmann. A paixão de Cristo revela uma história de amor e por meio dela Deus participa do sofrimento do ser humano. Diante dessa premissa, o homem não pode permanecer apático, mas pode corresponder com simpatia, deixando-se ser afetado com relação ao modo como ele enxerga o seu semelhante.

PALAVRAS-CHAVE: Moltmann. Sofrimento. Simpatia.

ABSTRACT

In the face of the inevitable suffering that exists in the world, there are some questions that need to be answered, of which: does God treat the problems of the world with indifference? Does He cares about human suffering? For this purpose, this article aims to approach, from a bibliographical research, the feelings of God in relation to the suffering of the human being, as well as to the suffering of His Son from the Theology of the Cross of Moltmann. The passion of Christ reveals a love story and through it, God participates in the suffering of the human being. Faced with this premise, man cannot remain apathetic, but can correspond with sympathy, letting himself be affected with regard to the way he sees his fellow man.

Keywords: Moltmann. Suffering. Sympathy

¹ Especialista em Aconselhamento e Gestão de pessoas pela Faculdade Teológica Betânia de Curitiba- FATEBE. Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista do Paraná – FABAPAR- Curitiba-PR e Pelo Seminário Teológico Betânia- SEMIB. Altônia-PR. Contato: graziabreu.87@hotmail.com

² Doutor em Teologia. Universidade de Basileia. Suíça. Reconhecido por - Escola Superior de Teologia, EST. São Leopoldo. Brasil. Mestrado em Teologia. EST. São Leopoldo. Brasil. Especialização em Serviço Social da Família. Universidade Luterana do Brasil, ULBRA, Brasil. Especialização em Sociologia Urbana. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, Brasil. Graduação em Teologia. Faculdade Evangélica do Paraná, FEPAR, Brasil. Bacharelado em Ministério Pastoral. Seminário Palavra da Vida. Professor da Faculdade Teológica Betânia – FATEBE e coordenador de Teologia da Faculdade São Braz. Curitiba-PR. Contato: mrfluck@gmail.com

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Do nascer ao morrer, o sofrimento é inevitável e faz parte da vida de todo ser humano. O mundo está marcado por episódios de dor, desastres naturais, guerras e tragédias, e os que passarem por essa vida em algum momento experimentarão de suas contingências.

Entretanto, em um mundo cada vez mais globalizado e capitalista, parece não haver espaço nem tempo para a atenção à realidade do semelhante, e, por não se adequar ao mundo, este acaba sendo excluído e ignorado.

Não raro, está presente no imaginário cristão a aceção de que tudo o que acontece é da vontade de Deus e que Ele tem um propósito em todo sofrimento, fazendo com que o homem neutralize seus sentimentos e prossiga sua vida por acreditar que o que ocorre no mundo não é problema seu.

Essa justificativa de que Deus sabe de tudo o que acontece e que tudo é de sua vontade, sendo o mundo proveniente de tanta injustiça, incita a algumas perguntas, das quais: Deus trata os problemas do mundo com indiferença? Ele se importa com o sofrimento humano?

Diante das mais diversas situações em que o mundo está inserido e necessitando de uma teologia que responda aos seus dilemas, acreditamos que esta reflexão é muito relevante e tem um conteúdo que permanece atual, capaz de influenciar, sensibilizar e conscientizar o ser humano da relação de Deus consigo, o que se refletirá também no seu olhar diante do sofrimento alheio.

Desta feita, este trabalho foi elaborado não para explicar o início e o fim último de todas as coisas, mas concentrará seus esforços em discorrer, a partir da teologia da Cruz de Moltmann, sobre o olhar de Deus frente às realidades injustas do mundo no que concerne ao sofrimento, e qual a sua implicação para o ser humano, haja vista que a Cruz tem muito a lhe dizer.

1. MOLTMANN E A ORIGEM DE SUA TEOLOGIA

Jürgen Moltmann, nascido em 1926, foi um soldado alemão, que, ao ser capturado pelas Forças Armadas Britânicas, obteve uma experiência em cativo

que o fez tornar-se cristão, decidindo estudar teologia para compreender a esperança que o fez sobreviver. (MILLER E GRENZ, 2011)

A teologia defendida pelo teólogo alemão era contrastante com relação às ideias defendidas por muitos teólogos que tinham um cunho existencial, com ênfase no presente. Para eles, a ressurreição de Cristo tinha uma implicação imediata em que a concepção de futuro dissolvia toda a relevância do presente: “Se Jesus Cristo ressuscitou, ressuscitou por mim aqui e agora. Se Ele vai voltar em julgamento, é mais importante reconhecer que Jesus Cristo está exercendo Seu julgamento agora na minha vida”. (GUNDRY, 1987, p. 167)

A Teologia de Moltmann não tinha um cunho meramente imediatista, mas possuía uma lógica escatologicamente orientada, de forma que passado e futuro contribuem com a vida de seu povo. Assim, o Deus do Antigo Testamento é o Deus que promete e “o presente não esgota o significado das Suas promessas, mas o futuro demonstra que Deus é fiel em guardar Suas promessas”. (MOLTMANN, Apud GUNDRY, 1987, p. 168)

Entretanto, apesar de não ser visto como existencialista, e com uma história que se orienta pelo futuro, Moltmann atentou para a importância de uma teologia que traga implicações relevantes para as realidades do cristão. Inicialmente, o autor desenvolveu sua Teologia da Esperança, traduzindo-se na maioria das vezes por uma “teologia pública”, ou seja, “uma teologia que traz a esperança como ponto de ação na perspectiva do Reino de Deus Vindouro”. Posteriormente, a fim de “corrigir” o entusiasmo apresentado nesta Teologia, o autor escreveu sua Teologia da Cruz, que embora continue dando um tom de esperança, perpassa a ideia da cruz como remissão de culpa e pecado, atribuindo-lhe uma proposta que abarque às realidades do mundo, onde estão presentes a dor e o sofrimento. (KUZMA, 2014, p. 82)

Como referenciado anteriormente, as reflexões de Moltmann foram provenientes de sua experiência quando prisioneiro de guerra. Embora sua vida tenha sido poupada, o então soldado viu-se em um ambiente em que muitas vidas foram ceifadas, e a miséria, a dor, o sofrimento e o sentimento de abandono se fizeram presentes. Como produto dessa realidade, sua esperança esvaneceu e foi tomado por uma apatia:

[...] o meu mundo interior desabou. Eu recolhi meu coração que sangrava dentro de uma de imperturbabilidade e apatia. Isso foi uma forma de prisão interna para a alma, somada à prisão externa. Uma pessoa pode se tornar tão apática e indiferente que não é mais capaz de sentir nada: nem alegria

nem dor. Então não se vive mais, torna-se como que um morto-vivo. (Moltmann apud KUZMA, 2014, p. 85)

Enquanto esteve preso, aos poucos Moltmann foi tocado por uma série de eventos que lhe foram recobrando o ânimo. Primeiramente, em um campo de prisioneiros percebeu uma linda cerejeira que despertou sua atenção, depois, ao construírem ruas na Escócia junto a prisioneiros sentiu-se valorizado novamente como pessoa ao ser tratado por eles com hospitalidade e chamado pelo nome, embora em suas costas houvesse apenas números.

Nos eventos que se seguiram, sentiu um conforto e identificação ainda maiores. Ao receber uma bíblia de um capelão, sentiu-se profundamente tocado com a leitura do Salmo 39, e, após, foi inquirido pelas palavras de Jesus no Evangelho de Marcos: “meu Deus, por que me desamparaste?” Naquele momento ele sentiu pela primeira vez que era compreendido por alguém: “Aí está um que me entende”. Sob essa proposta de identificação, iniciou uma incursão que culminou, entre outras, nas teologias supracitadas.

Para todos os efeitos, o sofrimento e a identificação de Cristo chamou muito a atenção de Moltmann, onde, através da paixão de Cristo, sentiu a solidariedade e o favor de Deus. Diante de todas as experiências que teve no campo de prisioneiros, o teólogo passou a estudar teologia e a desenvolver a expressão da teologia do sofrimento que encontramos em sua teologia da cruz, em detrimento do Deus apático desenvolvido pela história, conforme será abordado a seguir.

2. SOFRIMENTO OU APATIA?

O desamparo de Jesus na cruz chamou muito a atenção de Moltmann e foi um ponto de contato entre ele e Deus naquele momento, de modo que ele se sentiu confortado, compreendido e a partir desse despertar, se enveredou nos estudos de teologia.

Entretanto, mais tarde, o nosso autor, no desenvolvimento de sua teologia, enunciou que o sofrimento de Deus não foi uma ideia bem quista pelos teólogos e filósofos desde os tempos mais remotos. Pelo contrário, lembrou que os sentimentos de Deus eram subtraídos como se Ele fosse um ser totalmente apático. O teólogo preconiza que esta apatia significa, originalmente, “ausência de sofrimento”, e era

vista na antiguidade como “a mais alta virtude dos deuses e dos homens”. Acreditavam que a apatia era a condição que resguardava os ideais de Deus, como eternidade e auto suficiência. Acreditava-se que Deus não podia sofrer e não morreria jamais. Esta concepção era vista como a perfeição de Deus. (MOLTMANN, 1978, p. 12)

Villas Boas constatou que esta apatia atingiu seu ápice a partir do racionalismo moderno, que reduziu “a legitimidade da filosofia à forma de ciência, submeteu todas as dimensões da vida à lógica da razão analítica [ratio]”. Nesta condição, a subjetividade é anulada e dá lugar à objetividade, as paixões são anestesiadas e dão lugar à apatia, cujo ideal está voltado para a razão, a natureza (empírica) e para Deus como razão do universo e quem rege todos os fatos. (VILLAS BOAS, 2016, p. 85)

Deste modo, como Deus é perfeito e rege a tudo e a todos, há uma justificativa racional para as coisas que ocorrem no mundo. Neste ínterim, uma teologia que exemplifica e que concentrou extremamente esta apatia de Deus destaca-se em Leibniz (1646-1716), que garante que “os terremotos da vida” são dados de acordo com a justiça de Deus e a sua vontade. Assim, Deus não “sofre” porque sabe o que haverá no fim. (Leibniz, apud VILLAS BOAS, 2016, p. 85)

Assim, “o Cristianismo teria anestesiado o efeito da tragédia na vida – a de ter de dar uma resposta a partir da ideia de um Deus apático, em que a sua vontade rege todas as coisas. Sendo, então, todas as coisas regidas pela vontade de Deus, não há nada que o ser humano possa fazer, pois “Deus sabe o que faz”. (Leibniz, apud VILLAS BOAS, 2016, p. 86)

Moltmann opõe-se veementemente a essa aceção construída na história e, ao contrário do Deus apático encontrado desde os primórdios até à modernidade, por sua vez, descreve que as Escrituras demonstram um Deus apaixonado pela sua criação e que esse amor o leva a sofrer por ela. (MOLTMANN, 1978, p. 14). A partir da novela “Demonios”, de Dostoyevski, relatada em “O Deus Crucificado”, corrobora com a aceção de que “um Deus que não pode sofrer é mais desgraçado do que qualquer homem” haja vista que:

um Deus incapaz de sofrimento é um ser indolente, pois a injustiça e o sofrimento não o afetam. Seria carente de afetos, portanto, nada o pode afetar, nada o comove. Não pode chorar porque não tem lágrimas, se não pode sofrer, tampouco pode amar. Um Deus assim, diz Moltmann, poderia

ser o Deus de Aristóteles, mas não o Deus de Jesus Cristo” (Moltmann apud KUZMA, 2014, p. 88)

Moltmann defendeu que a influência dessa apatia é tanto uma morte de Deus, como uma morte antecipada do homem. O mal e o sofrimento em si não são maus, mas a indiferença. Neste interim, o ser humano moderno procura viver uma existência sem sofrimento, dor ou conflito, enveredando-se nas falsas alegrias e se deteriorando a si e ao outro, pouco a pouco, ao passo que exclui “os doentes, os fracos e os fracassados” e, por não considerar o sofrimento de Deus, “transformam o Deus vivo num ídolo morto, num ídolo do seu próprio medo da vida”. (MOLTMANN, 1978, p. 13, 14).

Para o teólogo, antes de dizer que Deus sofre pelo homem e de que forma isso o atinge, que é o objetivo desta pesquisa, é importante ressaltar que Deus sofreu por seu Filho. Essa aceção é coerente, visto que, de outro modo, o sofrimento de Deus não seria genuíno. Desse modo, o autor responde à questão levantada por si mesmo: Por que Deus abandonou a Cristo na cruz?

Para responder a essa pergunta, Moltmann relata que os conteúdos dos textos de Rm 8.32³ e Gl 2.20⁴ asseguram tanto que Deus entregou seu Filho quanto que também o Filho de Deus se entregou a si mesmo por amor ao homem. Entretanto, ressaltou que nesta relação, “quando o Filho morre no abandono da cruz também Deus, seu Pai, sofre o abandono de seu Filho”, ou seja, os dois sofrem, embora de modo diverso; um morrendo e outro sofrendo a morte do outro. De outro modo e ao mesmo tempo, porém, o teólogo afirma que Deus “existe em Cristo e nele está presente” fazendo com que Ele “esteja junto e sofra junto” com o Filho, sendo, portanto, o sofrimento do Pai também o sofrimento do Filho. (MOLTMANN, 1996, p.41).

Em observação à exposição do autor, é relevante salientar que este sofrimento experimentado no Gólgota tem um sentido, de modo que não tem um caráter sádico. Destarte, Deus assumiu o sofrimento de Cristo a fim de suprir dois motivos principais: primeiro, “para estar do nosso lado”, participando de nossas dores e sofrimentos, sendo-nos solidário e, segundo, para estar “por nós”, livrando-

³ Aquele que não poupou a seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós, como não nos dará juntamente com ele, e de graça, todas as coisas?

⁴ Fui crucificado com Cristo. Assim, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim. A vida que agora vivo no corpo, vivo-a pela fé no filho de Deus, que me amou e se entregou por mim.

nos do peso da culpa, sendo, portanto, “o Deus que assume nosso lugar”. (MOLTMANN, 1996, p. 41)

Sendo assim, Deus não somente é capaz de sofrer por amor ao homem, mas também participa dos sofrimentos do mesmo, como será abordado a seguir.

3. A PARTICIPAÇÃO DE DEUS NO SOFRIMENTO HUMANO

Deus, como um ser Redentor do pecado mas puramente apático, não seria capaz de expressar de fato o amor de Deus para com os sofrimentos do homem. Na teologia de Moltmann isso fica muito claro e ele destaca que Deus não só justifica o homem, mas também participa de seu sofrimento, ao passo que o homem também participa do sofrimento de Cristo.

Logo no Antigo Testamento esse sofrimento de Deus é desdobrado por um envolvimento que se faz característica marcante do amor de Deus, de maneira que enquanto Deus se revelava ao seu povo, também era afetado pelas ações deles. Sob a proposta do rabi Abraham Heschel, descreve que os escritos dos profetas revelam o “*phatos* de Deus” ao afirmar que Deus “sai de si para entrar em relação com um povo de sua escolha”. Através dessa decisão, é afetado pelas consequências desta aliança que compreendem “as experiências, atividades e sofrimentos de Israel”. (MOLTMANN, 1978, p. 56)

Esse *phatos* de Deus culminou no *phatos* (ou paixão) de Cristo. Moltmann preconiza que paixão possui concomitantemente o significado de “sofrimento e amor ardente”. Entretanto, embora possua essas duas características, Deus não é um inconsequente e impulsivo, nem possui uma submissão ao sofrimento da mesma forma que o ser humano, mas, por causa de seu amor pelo outro, “Ele se abre ao sofrimento” e pela mesma causa “ele supera a dor que surge deste sofrimento”. (MOLTMANN, 1996, p.46, 47)

Neste sentido, Deus não acompanha a história permanecendo silencioso, mas revela-se “solidário e ao mesmo tempo sofredor”. A solidariedade aqui remonta à atitude que permite que em Jesus o Seu amor vá ainda mais além, a de que “Deus, pelo qual foi criada a história, decide fazer-se história”. (KUZMA, 2014, p. 88). Assim, Deus, através do seu amor pelo mundo, vai até as últimas consequências deste amor e, no caminho da cruz, esvazia-se de toda a sua glória e majestade para

prestar sua solidariedade aos justos e injustos, aos que sofrem e também aos que destituem os direitos. (MOLTMANN, 1992).

Desta feita, Moltmann coloca que Deus, por meio de Cristo, participa dos sofrimentos do homem, de modo que, da mesma forma como Cristo foi humilhado e Deus esteve com Ele, “Cristo traz a comunhão de Deus àqueles que são humilhados e aniquilados como Ele”. Sendo assim, Cristo submeteu-se à “essa humilhação e esse abandono para se tornar irmão dos humilhados e abandonados e trazer-lhes o reino de Deus”. (MOLTMANN, 1996, p. 42)

Para exemplificar em termos mais práticos, apesar de não ter passado pelo campo nazista de Auschwitz, por sua experiência Moltmann mensurou o que pudesse ter ocorrido lá e dedicou-se a responder à pergunta do seu momento histórico, levantada por Lévinas: “Como falar de Deus depois de Auschwitz?” Aquela situação deixou inúmeras vítimas a mercê da desgraça, do sofrimento e do abandono e ecoam na história. Entretanto, em Moltmann, a pergunta a se fazer naquele momento deveria ser outra: Como **não** falar de Deus depois de Auschwitz? (grifo nosso, KUZMA, 2016, p.86, 90)

É fato que “a fé em Cristo transforma a esperança em confiança e certeza; e a esperança torna a fé em Cristo ampla e dá-lhe vida”. (MOLTMANN, 2005, p. 29) Entretanto, sendo a ressurreição um sinônimo de esperança e que demonstra o caminho a ser trilhado pelo homem, a partir de Auschwitz, Moltmann incidiu em uma reflexão sobre a fé em momentos tomados pela tragédia e pela falta de dignidade. Diante de tais premissas, relata a estória escrita por Elie Wiesel, sobre Auschwitz:

De que maneira é possível crer-se em Deus e continuar a ser humano depois de Auschwitz? Não sei. Lembro-me, porém, da estória escrita por Elie Wiesel, *Noite*, sobre Auschwitz. Dois judeus e uma criança estavam sendo enforcados. Os prisioneiros eram obrigados a olhar. Os homens morreram logo. A criança agonizou por algum tempo. “Então alguém atrás de mim perguntou: Onde está Deus? E eu permaneci em silêncio. Meia hora depois clamou novamente, Onde está Deus? Onde? Uma voz dentro de mim respondeu, Deus está ali pendurado na forca...” (WIESEL, apud MOLTMANN, 1978, p. 53)

O Deus que é descrito por Moltmann não é um Deus apático e puramente absoluto, no sentido de não envolver-se com suas criaturas, mas, como ele mesmo diz, qualquer teologia após Auschwitz seria vazia e reduzida a nada se Ele não estivesse com os mártires e com os assassinados em suas orações. Para ele, a teologia carece mais do que um Deus absoluto ou soberano, do contrário, Ele

poderia tornar o mundo inteiro em um campo de concentração. (MOLTMANN, 1978, p. 53)

Moltmann coloca que, diante da tragédia, há aqueles que indagam: “como Deus pode permitir isso?” Para ele, essa é uma pergunta de espectador, mas não dos que são atingidos por ela, de modo que geralmente essa pergunta vem daqueles que se deixam ficar apáticos diante da situação do outro justificando que tudo o que acontece é por causa da vontade de Deus. Pelo contrário, ele argumenta que a pergunta a ser feita deverá ser ‘meu Deus, onde está você?’ ‘Onde está Deus?’ que propõe um olhar marcado pela “questão existencial de Deus no sofrimento” abandonando a ideia do Deus apático para dar lugar a um Deus misericordioso. (MOLTMANN, 1996, p. 33, 34) Semelhantemente, a pergunta em questão pode ser realizada sobre o sofrimento de Cristo: “onde está Deus, no acontecimento do Gólgota? Ele está no Cristo que morre”. (MOLTMANN, 1996, p. 41)

Sendo assim, Deus está presente no sofrimento do homem tanto por meio do sofrimento de Cristo de modo que Cristo responde ao sofrimento humano sofrendo, assim como também está presente junto com o homem, em suas orações e sofrendo junto a ele.

O autor também explana que Deus se fez sofredor para expiar o povo de seus pecados à semelhança do “bode expiatório” presente no Antigo Testamento. Trata-se de uma reconciliação promovida por Deus, onde ele se coloca “em nosso lugar” e assume o nosso sofrimento para si: “... Deus transforma a dor humana em sofrimento seu, na medida em que ele “carrega a culpa humana”. (MOLTMANN, 1996, p. 44)

Tendo isto em vista, Deus não só participa do sofrimento do oprimido (“justo”), quanto também se faz justiça e reconcilia o causador do sofrimento (“injusto”). Essa reconciliação vem da parte de Deus, de modo a libertar o injusto da culpa do passado. É importante ressaltar que “um fato injusto sempre será um fato injusto” e Deus não é conivente com a injustiça, mas concede “justificação da vida àqueles que caíram sob o poder desse pecado e que os destitui de direitos”. (MOLTMANN, 2007, p. 94) Nas palavras de Moltmann:

o sofrimento de Deus é importante para ambos [justos e injustos], tanto para as vítimas como para os servos do pecado: reconhecê-lo é para as

vítimas um alívio para a tortura da memória, e para os servos do pecado é libertação da violência de suas repressões (MOLTMANN, 2007, p. 94)

Pensar neste amor de Deus que o faz sair de si para se relacionar com suas criaturas e o levar até as últimas consequências do seu amor, sendo para elas conforto e justificação, diz também respeito ao olhar do homem pelo seu semelhante. As afeições de Deus convidam ao ser humano para ter uma ação equivalente, pautada no amor de Deus que o invade e constrange e é capaz de afetar a vida como o mesmo enxerga o mundo, ou seja, sendo-lhe simpático, compassivo, amoroso e solidário.

4. ATITUDE DO SER HUMANO FRENTE AO SOFRIMENTO ALHEIO

Assim como Deus participa no sofrimento do ser humano, este também não pode permanecer apático frente ao sofrimento alheio.

Enquanto no Antigo Testamento o *phatos* de Deus apontava para um povo de sua aliança, no Novo Testamento, “Deus estabelece, por meio de Cristo, as condições necessárias para a realização de um relacionamento de *phatos* e simpatia.” (MOLTMANN, 1978, p. 59).

Moltmann preconiza a simpatia como “a abertura de alguém à presença do outro” e afirma que por meio dela o homem pode corresponder ao *phatos* de Deus, saindo de si e entrando em relação com o seu semelhante. “O *phatos* divino encontra ressonância na simpatia humana, em sua abertura e sensibilidade ao divino, ao humano e à natureza”. (MOLTMANN, 1978, p. 57).

Geovani Leite utiliza no lugar de “simpatia”, a palavra “compaixão” por acreditar que a primeira sofreu um desgaste semântico na língua portuguesa e por acreditar que é uma palavra que melhor contrapõe a apatia: “O paradigma da compaixão, como princípio humano, é capaz de contribuir para a nossa sociedade, que se fez apática frente ao sofrimento de nosso tempo”. (LEITE, 2008, p.15)

O fato é que a simpatia, a compaixão e a solidariedade exprimem, ambas em si, um significado que se contrapõe à apatia e atentam para um estilo de vida moldado pelo Evangelho, que é como a vida do cristão deve ser. (MOLTMANN, 1978, p. 19).

No campo de prisioneiros, como anteriormente mencionado, Moltmann percebeu que diante daquela situação de miséria e hostilidade, estava deixando-se tomar por uma profunda apatia.

Em seu livro “Paixão pela vida”, o teólogo traça um perfil da sociedade moderna, na qual as pessoas têm se tornado igualmente apáticas, à semelhança do Deus apático descrito no corpo deste trabalho. Deste modo, não há uma aproximação ou interesse pelo sofrimento e as necessidades do próximo de maneira que se acredite que este é um modo de cultivar a felicidade: “Estamos procurando viver uma existência sem sofrimento, alegrias sem dor e comunidades sem conflito. É o que chamamos de felicidade” (MOLTMANN, 1978, p. 12)

De acordo com o autor, há uma idolatria pelo trabalho, sucesso e realizações, que faz com que o ser humano não só evite, como anestesia seus sentimentos diante dos sofrimentos do mundo. Essa atitude é vista por ele como algo que até produz uma sensação de felicidade, de modo que experimente uma vida sem dor ou sofrimento, mas essa condição define e mata o ser humano, mesmo que permaneça vivo. (MOLTMANN, 1978).

Ao prosseguir em sua exposição, afirma que a busca pelo sucesso no trabalho nos torna “injustos e desumanos”, de modo que os que não se rendem a esta vida e não se encaixam nela, são afastados. Ficam, portanto excluídos “os doentes, os defeituosos, os fracos e os fracassados”, e “aos que clamam por comunidade e amor indicamos os programas de assistência social”. (MOLTMANN, 1978, p. 13).

A ação de Cristo é o oposto desta realidade. Em seus relatos, Moltmann sempre destaca a vida de Jesus e a sua caminhada e compaixão junto aos doentes, os marginalizados, os fracassados, os oprimidos e até aos opressores. Semelhantemente, o homem é livre para amar e ser conduzido pela ação e orientação do Espírito Santo para ser uma imagem de Deus na terra. (MOLTMANN, 1978).

Moltmann afirma que, diante de toda a realidade de sofrimento em que o mundo está inserido, é preciso abstrair-se do enfoque obsessivo pautado no sucesso e realização e aprender a observar o seu entorno a exemplo de Cristo: “os que hoje quiserem viver precisarão viver conscientemente. Terão de aprender a amar com muita paixão para que não se acostumem com as forças da destruição.

Precisarão vencer a própria apatia e se deixar levar pela paixão. (MOLTMANN, 1978, p. 14)

Sendo assim, aprendendo a viver conscientemente e a amar, o autor afirma que a comunhão com Deus é capaz de levar o amor do homem pelo seu semelhante a um nível que rompe os limites da apatia e traz de volta a vida. (MOLTMANN, 1978)

Deste modo o cristão promulga o Reino de Deus na terra e, a exemplo de Cristo, torna-se coparticipante do sofrimento de seu próximo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto prisioneiro, Moltmann obteve experiências que o fizeram refletir sobre o sofrimento a partir de uma identificação com Cristo. O desamparo de Cristo na cruz, que contribuiu para o seu despertar, culminou em uma reflexão que apontou tanto para o sofrimento de Cristo, quanto para o sofrimento de Deus em Cristo, de modo que, na cruz, Pai e Filho sofreram. Assim, o sofrimento não só é inevitável ao homem, mas também tornou-se uma condição de Deus, não de forma submissa, mas a partir de seu amor e solidariedade para com a criação.

Destarte, esse sofrimento de Deus não é visto por Moltmann como uma característica infantilizada, mas uma escolha de Deus de sair de si a partir de seu amor pela criação. Deus mantém uma relação de proximidade com o homem, de modo que ele não só vê e sente o sofrimento, mas sofre junto.

Desse modo, o homem pode corresponder à esse *phatos* de Deus através da simpatia, tanto em relação a Deus, quanto em relação ao outro, pois a comunhão com Deus garante essa liberdade no Espírito, em que o mesmo não permanece apático.

Diante do pressuposto do sofrimento de Cristo, a pergunta “Por que Deus permitiu isso?” torna-se vazia e carece de sentido, de modo que revela o distanciamento e apatia em relação às vítimas. Se Cristo consola pelo Seu sofrimento e sofre junto, logo, ao ser humano não há outra alternativa a não ser amar e se compadecer, visto que o nosso autor deixa claro que o estilo de vida do cristão deve ser orientado pelo Evangelho.

A teologia de Moltmann teve seu início no século passado, mas permanece totalmente atual e relevante, haja vista que, em um mundo cada vez mais imediatista

e com busca incessante pelo sucesso e realizações, as vítimas do sofrimento carecem de auxílio e compaixão e o ser humano precisa se conscientizar de que a vida transcende ao próprio eu. A paixão de Cristo que se solidariza para com o ser humano implica que este tenha simpatia pelo seu semelhante, pois, como relata Moltmann, o sofrimento em si não é mal, mas a apatia o é.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

GUNDRY, S. **Teologia Contemporânea**. São Paulo: Mundo Cristão, 1987.

KUZMA, C. **O futuro de Deus na missão da esperança**: uma aproximação escatológica. São Paulo: Paulinas, 2014.

LEITE, F. G. **Da apatia à compaixão**: O sofrimento da Criação e o sofrimento de Deus em Cristo segundo Jürgen Moltmann. 2008. 99 p. Dissertação de Mestrado em Teologia – Pontifícia Universidade Católica. Rio Grande do Sul, 2008.

MILLER, E. L. ; GRENZ, S. J. **Teologias Contemporâneas**. São Paulo: Vida Nova, 2011.

MOLTMANN, J. **No fim, o início**: breve tratado sobre a esperança. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

MOLTMANN, J. **O Caminho de Jesus Cristo**: cristologia em dimensões messiânicas. Petrópolis-RJ: Vozes, 1992.

MOLTMANN, J. **Paixão pela vida**. São Paulo: Aste, 1978.

MOLTMANN, J. **Quem é Jesus Cristo para nós, hoje?** Petrópolis-RJ: Vozes, 1996.

MOLTMANN, J. **Teologia da Esperança**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

VILLAS BOAS, Alex. **Teologia em diálogo com a literatura**. São Paulo: Paulus, 2016.